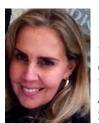


rasileira

"Uma consideração crítica a respeito da tolerância ocorre na sua substituição pela hospitalidade, que tem como sua marca o acolhimento. O acolhimento é oferecido essencialmente para quem não é esperado, para o absolutamente estranho, para o totalmente outro."

M.S. Felipe S. Karasek Prof. Dr. Rafael Werner Lopes





EDITORIAL Conviver....Por que é difícil?"

"O ano de 2015 é uma data especial para a Brasileira, pois está completando 25 anos! Em janeiro de 1990 foi iniciado o "Movimento para uma Nova Sociedade Psicanalítica em Porto Alegre", colocando a " pedra fundamental" de sua construção. Saudamos os membros fundadores que, com coragem, ousaram buscar seu sonho, e aos recém-chegados, que tem em

suas mãos o futuro da Brasileira. Nesta edição, perguntamos aos fundadores como percebem a Brasileira hoje. E seguimos trabalhando numa pluralidade de idéias, para tornar nosso jornal agradável e consistente, com o jeito da Brasileira, tendo "a cabeça no mundo interno e os pés na realidade externa", levando a Psicanálise para a vida real. Vamos então ao nosso tema central:

Diariamente somos confrontados com a "crueza" do real. Em 2005, a Brasileira, em parceria com a Livraria Cultura, já nos convidava a pensar a violência lançando o livro *Pensando a violência com Freud*. Passados 10 anos, iniciamos 2015 com a brutal visão do terrorismo que assombrou Paris, ameaçando todo o mundo ocidental. Da mesma forma, é chocante assistir a milhares de pessoas se lançando ao mar em viagens suicidas rumo à Europa, fugindo da miséria, da segregação e do horror dos regimes totalitários no norte da África e da Ásia. A história nos mostra que o totalitarismo aniquila a subjetividade e a singularidade do sujeito, e impõe-se quando abrimos mão de ocupar, como indivíduos e comunidade, o espaço público que nos é de direito, delegando a "verdade absoluta" a um Outro. Vivemos a banalização da violência, uma defesa frente ao desamparo, mas também assistimos à sua superestimação, quando manifestações corriqueiras de discordância, com facilidade, passam a atos agressivos, vide as manifestações em estádios de futebol, lugar onde outrora era comum o "extravasamento" através da palavra.

Freud, em seus textos sociais, já abordava o impasse da satisfação das pulsões humanas na condição do homem viver em grupos. A parte de uma crise ética, paira no ar a sensação de estarmos num tempo onde o "Ato" toma o lugar da "Palavra". Sabemos que os impulsos facilmente voltam-se ao ato quando não encontram o caminho de uma representação no psiguismo, seja pela palavra, pelas artes, pelo esporte ou pelo humor. E a capacidade de representar psiquicamente inaugura-se no encontro do bebê com a mãe (ou substituto) empática, e segue sua infinita construção através dos demais encontros empáticos que o sujeito vai ter ao longo da vida, desenhando sua subjetividade e singularidade. Nascemos equipados biologicamente para o contato humano e a comunicação empática. A descoberta pela neurociência dos "neurônios espelho", uma rede que se ativa quando estamos em contato com um Outro semelhante, mostra o correlato anátomo - fisiológico da empatia. Então, vivemos um tempo no qual se define como inferior tudo o que é diferente? De carência de capacidade simbólica? E como encontrarmos no viver cotidiano, as formas de dar conta do nosso desamparo e da "natureza humana?"

Trazemos nesta edição "O ato, as representações e o conviver". A Brasileira, junto com outras áreas da cultura, quer construir um mundo menos árido, e com lugar para todos. Agradecemos aos colegas e aos demais autores parceiros que, generosamente, enviaram-nos suas contribuições para este jornal, fruto do trabalho de uma comprometida equipe editorial composta pelas colegas Magda Martins Costa e Ivone Soares (recém chegada!), nossa experiente jornalista Helena Mello, e por mim. Contamos também com Lívia Rossa Ribeiro, estagiária do curso de jornalismo que se junta agora a nós como assistente editorial. Não posso deixar de mencionar a inestimável contribuição de Michaela F. Wünsch, secretária da Diretoria, e agradeço ao colega Rodrigo Brochert, que após anos de dedicação, deixou a equipe. Finalizo convidando os colegas que desejem ingressar nesse trabalho conosco, que serão imensamente bem vindos!

Mara Horta Barbosa - Psicanalista da SBPdePA



JORNAL DA BRASILEIRA

Órgão de divulgação da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre, fundada em 1992. Praça dr. Maurício Cardoso, 07 – CEP 90570-010 Porto Alegre –RS- BRASIL Tel./Fax 55 51 3330-3845/ 3333-6857 WWW.sbpdepa.org.br/ sbpdepa@sbpdepa.org.br Os artigos assinados não refletem necessariamente a opinião da SBPdePA, estando, portanto, sob responsabilidade de seus autores.

DIRETORIA

Presidente: Helena Ardaiz Surreaux
Secretário: Lores Pedro Meller
Tesoureira: Ane Marlise Port Rodrigues
Diretora da Comissão Científica:
Sílvia Brandão Skowronsky
Diretora da Comissão de Comunicação:
Mara Loeni Horta Barbosa
Diretora da Comissão de
Relações com a Comunidade: Patrícia Goldfeld
Diretora do Centro de Atendimento
Psicanalítico (CAP): Denise Zimpek Pereira

INSTITUTO DE PSICANÁLISE

Diretor: Fernando Kunzler
Secretário: Leonardo Francischelli
Coordenadora da Subcomissão de Seminários:
Laura Ward da Rosa
Coordenadora da Subcomissão de formação:
Augusta Gerchmann
Subcomissão da Infância e Adolescência:
Eluza Nardino Enck
Associação de Membros do Instituto:
Magda Regina Barbieri Walz

NÚCLEOS

Núcleo de Infância e Adolescência (NIA): Eluza Nardino Enck Núcleo de Vínculos: Vera Maria H. Pereira de Mello Grupo de Estudos Espaço Potencial Grupo de Estudos Pró-Criar Comissão de Universidade: Kátya Araújo Comissão de Projeto Social: Alexandre Antunes Comissão de Educação à Distância: Helena Ardaiz Surreaux Membro Honorário: David Zimmermann (in memoriam)

JORNAL DA BRASILEIRA
Editora: Mara Horta Barbosa
Conselho Editorial: Ivone Cordeiro Soares
e Magda Beatriz Martins Costa
Assistente Editorial: Lívia Rossa Ribeiro
Jornalista responsável: Helena Mello
Revisão de português: Débora Rodrigues
Editoração/Projeto Gráfico: Helena Mello
Secretária: Micaela Wünsch
Execução gráfica: Evangraf
Tiragem: 500 exemplares

SOBRE A CAPA: A capa dessa edição contém um cartum elaborado, como cortesia, por Jorge Luis Cardoso Pereira. Diz o autor: "Tive por inspiração o texto enviado e minha ótica quanto ao ser que vive e sente despir-se de sua casca de tempos de selvageria em que vivemos."

ERRATA: Foi constatada ausência do título *Fada Madrinha* e da dedicatória à *Adriana Loifermann* na poesia da Dra. Jeanete Sachet, escrita em 2011, publicada na contra-capa, da edição anterior, de novembro de 2014.

Sobre Integrações, Sintonias e Finalizações...

Ao término do primeiro semestre do último ano desta gestão, esta diretoria já se dirige ao final do mandato.

Momento importante para refletir sobre o que foi feito a partir dos objetivos traçados e da condição entusiasmada do princípio, mas ainda a tempo de fazer muitas coisas e de modificar alguns rumos, se isso se mostrar necessário.

Nossa gestão trabalha, desde o início, em duas dimensões que consideramos fundamentais: a escuta da instituição, no sentido de manter boa comunicação interna e clima de bem estar na convivência entre os membros e a integração com as Federações que nos abrigam (Febrapsi, Fepal e IPA).

Na escolha do tema e no formato adotado para a nossa jornada do ano, buscamos contemplar ambos aspectos. O assunto escolhido pela Fepal para o Congresso de 2016 é "O Corpo". A partir de uma pesquisa sobre os interesses dos membros da SBPdePA nesse ou em outro tema para desenvolver nossa jornada, a resposta da Brasileira se mostrou favorável a harmonizar com o Congresso Latino-Americano.

Assim, nos dias 19, 20 e 21 de novembro desenvolveremos nossa jornada, com o título: "Corpo: Pulsão e Figurabilidades". A mencionada integração com as Federações se dá através da estratégia na escolha dos convidados (subsidiados pelos projetos de intercâmbio das Federações), que, além de serem referências no tema em questão, trazem recortes de diferentes culturas psicanalíticas que serão trabalhados e explorados dinamicamente através do debate. Teremos a presença de André Beetschen (APF) França, Fernando Orduz (SCP) Colômbia e presidente da Fepal, Victor Guerra (APU) Uruguai e Diretor de Crianças e Adolescentes da Fepal e Daniel Delouya (SPSP) São Paulo. Além destes, contemplando ao desejo entusiasmado e o esforço dos colegas do NIA, teremos a presença de Maggie Zelner, Neuropsicanalista (USA). A tônica desta jornada, como podem observar pelo grupo de convidados, será o encontro de diferentes pontos de vista, oriundos de distintas latitudes e escolas, que serão colocados a conversar.

Também em refinada sintonia com o título do Congresso Brasileiro de Psicanálise, "Sonho/Ato: A Representação e seus limites",este número do jornal debruça-se sobre as vicissitudes da vida e as formas do mal estar no mundo contemporâneo, muitas vezes silenciosas e subjacentes ao cotidiano daquele que habita esse tempo.

Sempre transitando entre a busca da representação e os seus limites, que levam ao ato e às somatizações, o homem contemporâneo é, fundamentalmente, um exigido.

A representação é aquela operação psíquica que possibilita dar contornos aos excessos que constantemente invadem o sujeito. Aquele resto que não encontra as vias simbolizatórias constitui o sofrimento que pode expressar-se ou manifestar-se no ato impulsivo, em alguns acidentes, nas psicossomatoses, etc.

Certamente não há nada de novo nessas afirmações e creio ainda que essa circunstância também não é nova em relação à história do sujeito, em sua incessante luta para dar conta do sofrimento e dos excessos em todas as eras da humanidade.

Hoje o dispositivo teórico psicanalítico tem condições de apreender muito da complexidade dos diferentes níveis de simbolização do traumático coexistentes em cada pessoa, com predomínio dos aspectos neuróticos ou não. Mapear os níveis de organização psíquica prevalentes em cada momento de uma sessão e empreender a estratégia terapêutica mais adequada também é possível, já que esses conhecimentos nos autorizaram a uma plasticidade psicanalítica maior, tanto para pensar, como para abordar clinicamente cada situação.

Em que pese as mazelas de cada cultura, em cada época, faz-se importante conhecer e reconhecer, na situação analítica, os imperativos em ação, tanto para aceitá-los e com eles conviver, como para acompanhar o paciente nas formas criativas necessárias para subvertê-los, segundo a ética última da psicanálise: a busca da resultante do trânsito do desejo do analisando.

Um dos desafios desta época

super tecnologizada, mais interessada na aparência do que na essência, tendente à descartabili-



dade e à escassa auto-reflexão é a relação do sujeito com a felicidade, tema que tem nos ocupado nos espaços de discussão com a comunidade, como na atividade na Livraria Cultura.

Essa relação hoje aparece marcada por um certo frenesi. É preciso mostrar-se feliz em fotos exuberantes no facebook, que expõem a "intimidade" do cardápio consumido no jantar, os feitos do filho e as juras de amor no aniversário de casamento. É proibido ser triste. Ninguém posta no face "hoje acordei triste, com vontade de chorar e nem sei por quê"... A busca frenética da felicidade parece tentar dar conta de uma angústia insuportável, ligada ao vazio e à depressão, formas típicas do mal estar contemporâneo. O frenesi da felicidade se move em uníssono com outro fenômeno muito característico de nossa época: a drogadição. Importante focar nessa direção nossos esforços de compreensão da condição do sujeito contemporâneo.

Agradeço à Mara Horta Barbosa, editora do jornal e diretora de Comunicação, à nossa jornalista Helena Mello, à nossa bibliotecária Adriana... e a toda a comissão do jornal pela sensibilidade de sempre na escolha do tema e na forma comprometida e inteligente de abordá-lo.

Aí vai o convite para o leitor adentrar-se nessas páginas e enriquecer-se com a visão competente e criativa dos colaboradores deste jornal!

Uma fértil leitura! Helena Surreaux Presidente da SBPdePA.

10 anos de atividades



Em 2015, O Grupo de Estudos Espaço Potencial está completando 10 anos de atividades. Partindo do estudo da obra de Winnicott, o grupo foi expandindo seus interesses através de intersecções com outros autores e interfaces da psicanálise com outras áreas da cultura. Iniciando em Freud (passando por Ferenczi, Ogden, McDougall, Green), nos dedicamos no ano passado a leituras de Ricardo Rodulfo (Lo creativo - lo destructivo em el pensamiento de Winnicott). Em 2015, buscamos não apenas repensar as interlocuções com outros psicanalistas, mas também os temas tidos como típicos em Winnicott. É sabido que as mais conhecidas contribuições de Winnicott estão ligadas ao desenvolvimento emocional primitivo, havendo um especial destaque à figura materna na constituição psíquica do bebê e na base para um viver criativo. Iniciamos 2015 com um texto de J. Rabain sobre a figura materna: El árbol de Winnicott, em que há uma espécie de desconstrução sobre a mãe de Winnicott, tida como deprimida, em função de um poema escrito por ele (*The Tree*) em idade avançada e de várias conexões com registros de sua clínica psicanalítica. Esse texto está inserido no livro Winnicott Insólito, uma coletânea de artigos de renomados psicanalistas de língua francesa, como René Roussillon, cujos estudos recentes estão no alvo de nossos interesses. E o grupo embarca nessa aventura de sentir Winnicott de um jeito raro, incomum, "insólito", trilhando psicanalistas que vão revelando aspectos da obra ainda pouco explorados. Nesse sentido, um dos temas que mais tem instigado o grupo é o debate sobre a função paterna em Winnicott, especialmente a partir de um capítulo desse livro intitulado O pai em Winnicott (de François Duparc) e também de um trabalho de Haidée Faimberg, baseado em um fragmento de uma análise de Winnicott. A inicial desmistificação da mãe em Winnicott talvez vá dando lugar a um caminho interessante rumo a um "pai suficientemente bom". Em clima de comemoração desses 10 anos do Espaço Potencial, o grupo pretende encerrar o ano com uma atividade e um trabalho sobre esse tema.

COMISSÃO CIENTÍFICA

Cem anos de metapsicologia



Comemoramos, em 2015, os cem anos da Metapsicologia de Freud. A elaboração conceitual a construção da concepção teórica da Psicanálise de Freud não se demarcou de uma só vez, gradativamente se complexizou. A Metapsicologia pode ser considerada como um mapa de cada época, pode ser estudada, revisitada, e revisada, com a inclusão de novos conhecimentos, rearticulando os progressos conceituais da Psicanálise.

A fecundidade do centenário legado Freudiano nos desafia ainda hoje, pois há um século Freud descobriu que o humano é múltiplo e singular, e que o mundo é mais complexo do que alcançamos pensar. Seguimos pensando, inspirados nos achados freudianos, que apontaram a possibilidade de transformação do desamparo humano em pensamento e história. Nesta perspectiva a Diretoria Científica da SBPdePA, neste ano, desenvolve três atividades:

A Brasileira na Cultura, com a Psicanálise e Vida Cotidiana, realizada na última quarta feira do mês na Livraria Cultura de Porto Alegre. A proposta é o diálogo da Psicanálise com outras áreas do conhecimento: como a Doação de Órgãos; sobre a Complexidade do Mal, como pensa Hannah Arendt; sobre Mal-estar na Cultura Atual, história, violência e psicanálise; sobre Qualidade de Vida; sobre o Profano e o Sagrado; e sobre Arte e Psicanálise, os caminhos da criatividade.

Roda de Conversa, na terceira quinta do mês na sede da SBPdePA. A proposta é dialogar com o tema do Congresso da Febrapsi que ocorrerá em Outubro de 2015 em São Paulo. Participam os Membros da Sociedade com os temas: A Representação é um conceito chave no pensamento de Freud? Diálogos entre o conceito de representação de Freud, com o Simbólico de Lacan e com o Pensar de Bion; Diálogos entre perspectivas conceituais; Diálogo entre o Sonho e o Ato. O limite do representável, entre o relato, o brincar, e o ato; Diálogo entre o limite do representável, o espaço do sonho e do ato; Diálogo entre o sonho e o ato, o limite da representação; Diálogo entre o limite do representável na reprodução assistida; O Limite da Representação: O Filicídio, onde está a Representação?; Função Paterna na clinica de Winnicott.

<u>Sextas de Pensar Psicanálise</u>. Na sede da Sociedade. A proposta é que os Membros da Brasileira apresentem suas ideias, desenvolvimentos teóricos e clínicos, para uma interlocução e debate científico.

COMISSÃO DE MEMÓRIA

Biblioteca com novo visual

O novo visual da biblioteca Dr. David Zimmermann foi modificado e tornou-se um ambiente agradável para pesquisa e leitura. Nela estão sendo disponibilizados, para uso interno, os álbuns de fotos e demais informações sobre a história da Brasileira.



Transmissão da psicanálise

O Instituto de Psicanálise da SBPdePA continua com intensa atividade, neste semestre, com a intenção de aprimorar e desenvolver propostas relativas à transmissão da Psicanálise e promover uma formação consistente aos futuros psicanalistas inscritos em nossa instituição.

No dia 07 de março, o Dr. Alberto Cabral, Analista Didata e Diretor do Instituto Angel Garma da Associação Psicanalítica Argentina, foi convidado para abrir o semestre. Nessa ocasião, tratou do tema da transmissão da psicanálise e os diferentes modelos de formação, atendendo nossa pergunta: Que Instituto queremos? Foi um encontro muito produtivo com os membros do instituto e membros da sociedade, didatas e coordenadores dos seminários. O Instituto neste semestre instalou, também, um novo modelo de plano de estudos, eliminando a grade anterior e adotando a livre opção de temas assim distribuídos: 50% de seminários na

obra de Freud e 50% de seminários de autores pós-freudianos. Contamos com a inscrição de 26 seminários oferecidos por membros associados e titulares dispostos a coordená-los, sendo que 13 deles receberam inscrições suficientes e estão em curso atualmente.

Seguem ainda as Assembleias dos Professores, na segunda quinta feira de cada mês, nas quais são discutidos os temas mais atuais com relação ao andamento dos seminários, avaliações e acompanhamentos dos colegas egressos que ainda não terminaram os relatórios e monografias necessários para a conclusão do curso.

Temos a satisfação de dar as nossas boas-vindas aos seguintes colegas que ingressaram em nossa formação nesse semestre: Letícia Picinin M. Messinger, Renata Bulcão Manica, Renata Bulhões de Carvalho Britto, Ramon Castro Reis e Susana Salete R. Chinazzo.



AMI

A análise pessoal na formação analítica

A Associação dos Membros do Instituto também esteve presente na palestra do Dr. Alberto Cesar Cabral sobre a Transmissão da Psicanálise. Segundo ele, esta acontece através da presença do Inconsciente na experiência. A Transmissão da Psicanálise é diferente do ensino transmitido nas Universidades, "que mantém a ilusão de que a teoria psicanalítica constitui um corpo de saber unificado, consistente e sistemático, que por isto é suscetível de ser aprendido por um programa de estudos". Cabral coloca a importância de insistir na escrita psicanalítica. Sobre o relato de supervisão sugere que possa ser lido para outros para que não seja monogâmico. Em sua opinião, deve-se conversar sobre quais foram

as maiores dificuldades encontradas e por que determinado caso foi escolhido.

O eixo central de toda formação de analistas é sua análise pessoal, uma experiência fundante, íntima. Esta deve ser desejada e não apenas imposta pelas normas da formação. Cabral propõe que analista e analisando tenham mais liberdade para decidir sobre a análise, o número de sessões e quando ela se encerra. Deixar livre o analista para sustentar sua posição e tratar seu analisando de acordo com ele próprio, sem preocupar-se com a didática ou o tratamento por encargo. A formação de um psicanalista deve habilitá-lo a buscar ou tolerar a verdade singular de seu próprio desejo.

Sobre a frequência das sessões analíticas

O CAP (Clínica de Atendimento Psicanalítico), em suas últimas reuniões, vem fazendo reflexões sobre questões teóricas e técnicas, em especial, a respeito da alta freqüência nas sessões analíticas.

Uma das máximas da contemporaneidade é a falta de tempo. Nesta temporalidade efêmera, a busca é de um clique que dê a resposta, instantânea, pequena, não muito aprofundada, por algo que aparentemente serve, satisfaz, mas que não contempla realizações mais determinantes da vida.

Na luta contra o tempo, alguns sofrimentos são decorrentes da vivência num período circular, onde cenas e cenários se repetem, aprisionando o sujeito a histórias antigas, remotas, (alguma vividas por seus pais e avós) e que foram herdados sem poder de escolha. Na maioria das vezes essas histórias são de um passado mais recente, vividas na infância que nem sempre foi "aquela infância querida" a que o poeta se referia mas que deixam suas marcas incrustadas na mente. Nesse tempo atual, sem tempo para mudar, é exigida a prontidão para a vida, para atender demandas, para amar e ser amado, constituir uma família, ter trabalho, sucesso.

O processo analítico oferece ao sujeito a possibilidade de relacionar-se com o tempo, com a realidade, consigo mesmo a partir de outras premissas. Contudo, para que isso ocorra, também é necessário tempo, um tempo de transformação que se constrói na frequência e continuidade dos encontros.

Freud deixou-nos o legado da Psicanálise como teoria e técnica de tratamento. Ele foi muito claro quanto à importância de encontros frequentes com os pacientes e o uso do divã. Esses elementos promovem a instauração da situação analítica, ou seja, a possibilidade de associação livre por parte dos pacientes e de uma escuta diferenciada por parte do analista.

Através dos encontros com o analista desenvolve o processo que permitirá a revivência de aspectos infantis do sujeito, colocando o analisando, numa experiência de encontro consigo mesmo. No espaço/tempo da análise, surge a possibilidade de rearticulação de um Eu imerso em sofrimentos intermináveis, em repetições estéreis.

O percurso analítico necessita de tempo para ser construído. Tempo para que esse sujeito possa emergir como produtor de subjetividade com novas possibilidades de escolhas.

NÚCLEO DA INFÂNCIA E DA ADOLESCÊNCIA

NIA reúne-se com a OAB



O NIA (Núcleo da Infância e Adolescência) da Brasileira, sob proposta de iniciar um projeto voltado à trabalhar o tema da Violência contra a Criança e o Adolescente e realizar ações efetivas junto à sociedade, tomou a iniciativa de solicitar uma reunião com representantes da OABRS, buscando inserir-se junto a entidades que integram a rede de proteção à criança e ao adolescente. A rede é uma ação integrada entre instituições, para atender crianças e adolescentes em situação de risco pessoal: sob ameaça e violação de direitos por abandono, violência física, psicológica ou sexual, exploração sexual comercial, situação de rua, de trabalho infantil e outras formas de submissão que provocam danos físicos e emocionais.

NOTÍCIAS DA RELAÇÃO COM A COMUNIDADE

Projetos em andamento





Vários projetos estão em andamento com a intenção de incrementar as relações da SBPdePA com a comunidade. No ano de 2014, foi elaborado um projeto para um curso de Especialização em Psicoterapia Psicanalítica para ser aplicado em universidades, com as quais já estão sendo realizados contatos.

O curso de especialização em Psicanálise e Educação, no convênio com a UniRitter, foi encerrado. No entanto, seguimos em parceria com a faculdade de psicologia da UniRitter com um curso de especialização em Psicoterapia Psicanalítica, coordenado pelo professor Leonardo Garavelo e que conta com a nossa colaboração. Em relação aos grupos de estudos oferecidos à comu-

nidade, constatamos que os membros de nossa sociedade têm se empenhado a oferecer a cada semestre mais seminários. Atualmente, contamos com 10 grupos e um seminário clínico. Além disso, o Café Cinema também tem proporcionado discussões sobre filmes interessantes da atualidade.

Por fim, não poderíamos deixar de citar o Projeto social. São reuniões abertas ao público, com entrada franca, que a comissão oferece uma vez por mês (aos sábados), onde é feita uma discussão clínica com profissionais da Rede pública de saúde. Também se propõe a criar "parcerias" com instituições públicas de saúde, buscando concretizar o papel social da Brasileira na comunidade.

NÚCLEO DE FLORIANÓPOLIS

Encontros, seminários e eventos

O Núcleo de Florianópolis está estudando mensalmente com o Dr. Gley Pacheco Costa, realizando seminários relacionados às Patologias do Desvalimento. Estes encontros são realizados em POA. Também há, desde abril, seminários mensais em Tubarão, que irão até novembro com temas variados.

Em maio, foi realizada a 12ª Jornada Científica, em conjunto com o curso de medicina da UNISUL em Tubarão, cujo tema abordado foi "O Estigma em Psiquiatria". No evento também foram discutidos os Diagnósticos e Manejos de Psicoses de Dependências Químicas no Sistema Público,

I Congresso Internacional de Psicanálise de Casal e Família FEPAL/IPA

Nos dias 10 e 11 abril de 2015, realizou- se em Buenos Aires o I Congresso Internacional de Psicanálise de Casal e Família FEPAL/IPA. Com formato exclusivamente clínico, tivemos a oportunidade de mergulhar em sete painéis com apresentadores e discutidores da Austrália, EUA, Itália, Colômbia, Venezuela, Uruguai, Brasil, Chile, Inglaterra e Argentina. O Núcleo de Vínculos e Transmissão Geracional da SBPdePA se fez presente em número expressivo, participando ativamente desse encontro histórico e de excelente nível.

Atividade preparatória Congresso Febrapsi

Foi realizada em Porto Alegre, em 10 e 11 de abril de 2015, atividade conjunta da SPPA e SBPdePA, com o Dr. Daniel Delouya (Diretor Científico da Federação Brasileira de Psicanálise - FEBRAPSI). O encontro foi sobre o Sonho/Ato, a Representação tem seus limites, tema do próximo Congresso da Febrapsi em São Paulo dia 31 de outubro de 2015. Com a casa cheia no sábado, na SBPdePA, Lores Meller e Daniel Delouya, com a coordenação de Silvia Skowronsky, debateram de forma brilhante a perspectiva dos Caminhos e Descaminhos da Representação, tema que homenageia o legado de Sigmund Freud nestes 100 anos de Psicanálise.

Membro do Instituto assume a superintendência do GHC

A Sociedade Brasileira de Psicanálise informa que Sandra Fagundes (membro do Instituto) foi empossada no dia 09/05 como superintendente do Grupo Hospitalar Conceição, referência no atendimento do Sistema Único de Saúde (SUS). Vinculada ao Ministério da Saúde, essa estrutura reconhecida nacionalmente forma a maior rede pública de hospitais do Sul do país, com atendimento 100% SUS. Desejamos sorte e sucesso na nova caminhada!

Observação de Bebês

No dia 13 de junho, ocorreu, na coirmã SPPA, o Primeiro Encontro Latino-americano de Observação de Bebês pelo Método Esther Bick. A SBPdePA levou sua experiência do Grupo de Observação de Bebês através da participação da colega Ester Litvin. A observação de bebês é rica para qualquer analista, pois possibilita experimentar uma vivência do início da vida. Como a Observação acontece fora do setting analítico convencional (sala de análise), exige que o Analista/Observador desenvolva um enquadre interno muito bem estabelecido e oportuniza uma vivência "muito" emocional, de uma época anterior à palavra.

Eventos e Premiações

Temos o orgulho de informar que a colega Ana Rosa Trachtenberg, membra fundadora da SBPdePA, participou do Comitê de Avaliação do Prêmio Elise Hayman 2015, junto com mais três colegas internacionais (Alemanha, França e EUA). O Comitê objetivou escolher o melhor trabalho psicanalítico sobre o Holocausto, cuja premiação ocorreu no mês em Julho durante o congresso da IPA (Associação Psicanalítica Internacional), em Boston.

Novos integrantes na Comissão Editorial do Jornal

Em 2015 a jornalista Juliana Ulrich lançou-se em novos e diferentes "voos", deixando a equipe de comunicação. Desejamos boa sorte em seu atual projeto e esperamos revê-la em breve. Damos também as boas-vindas à jovem Lívia Rossa Ribeiro que inicia seu estágio no Curso de Jornalismo juntandose a nós, e estamos certos de que muito terá a acrescentar. E saudamos a colega Ivone Cordeiro Soares que se agrega, trazendo sua criatividade, à equipe editorial do Jornal da Brasileira.

Novo Site

A SBPdePA coloca no ar seu novo site. Sendo uma ferramenta de informação, ele está com novo layout, moderno e usa uma linguagem simples e clara para apresentar a Instituição ao público externo. Em breve, terá versões em espanhol e em inglês. Disponibiliza a cada membro a divulgação de um mini-currículo, bem como suas publicações científicas. Possibilita também a venda da Revista online ou impressa e a inscrição em jornadas científicas, através de boleto bancário ou cartão de crédito. Todas as gravações em vídeo dos eventos científicos da Sociedade também poderão ser assistidas na web.

SESSÃO LIVRE

No olho do paradoxo



Lembro direitinho quando conheci o Gley. Eu tinha ido fazer estágio no então Instituto Mário Martins, onde ele já era professor e do qual eu me tornaria aluno. Eu vinha da Faculdade de Medicina, interessado pela psiquiatria que me tinha sido apresentada com ênfase nas afirmações.

O professor Gley também era entusiasmado ao afirmar, mas impressionava mais ainda porque, logo depois de afirmar, ele se desdizia e punha em dúvida o que acabara de dizer. O Gley fazia mais perguntas do que respondia.

À época, eu já escrevia poesia. Lia, claro, a literatura e a filosofia dos outros, mas logo as diluía a fim de tentar fazer a minha própria, por menor que fosse e, comparada a deles, era modesta mesmo. Eu já começava a me ver como um psiquiatra, embora não soubesse que tipo de psiquiatria eu faria, se aquela mais de afirmar como na faculdade ou essa de duvidar como o Gley. Eu nunca tinha pensado na possibilidade de escrever sobre o assunto. Isso era para o Freud.

De repente, o Gley publicou junto com o Gildo Katz um livro sobre as relações conjugais. Mas isso não era para o Freud ou o Bion? Peguei meio desconfiado o livro do Gley e do Gildo, achando, com todo o respeito, que encontraria uma imitação.

Ainda bem que o Gley já tinha me ensinado a duvidar. O livro conversava de igual para igual com a turma toda, e com capacidade de contar causos do seu jeito. Tinha, entre outras, a qualidade de não se encolher para o trabalho e o que, nele, parece um ideal inatingível.

A propósito, o Gley segue contando a psicanálise do seu modo e deixa claro, a cada linha, o quanto continua em dúvida, repensando no olho do paradoxo. Assim é ele, um autor capaz de reeditar-se, mesmo em textos sobre as Patologias do Vazio, nos quais, junto com seus colaboradores, continua tentando entender que tempo é este que vivemos e que sofrimento ele produz em nós. •

Celso Gutfreind



Paralisia crítica e comunicativa

Prof. Ms. Felipe S. Karasek Prof. Dr. Rafael Werner LopesProfessores do curso de Graduação em Filosofia da Faculdade IDC (Porto Alegre – RS)



Uma análise sobre nosso tempo presente pode evidenciar um contexto de fragilidades e decadência que impede o desenvolvimento da vida humana. Entretanto, a consciência de uma crise pode abrir-se como oportunidade para novas experiências do ato de pensar.

A capacidade que temos para diagnosticar problemas em nossa forma de viver e de pensar, se dá, fundamentalmente, pela presença do outro, do que é estranho a nossos olhos, que nos estimula a rever o que somos e fazemos. Daí a recomendação de Descartes, em seu Discurso do método, em tornar-se estrangeiro para poder olhar criticamente para sua própria cultura. Assim, a Filosofia, conduzindo o pensamento a territórios estranhos, estrangeiros, pode

comunicativas. Jürgen Habermas afirma que os problemas de nossa sociedade são sintomas de falhas de comunicação. Uma proposta de cura deve levar em conta o restabelecimento da prática comunicativa e da racionalidade crítica num âmbito de relações intersubjetivas, no qual o agir humano deve ser autorreflexivo e buscar autoconhecimento.

Ao reconhecer que a sociedade moderna se cristalizou em legalidades internas criadas pela própria racionalidade, gerando um sentimento de segurança diante de estruturas que não suportavam intercâmbios com territórios conceituais estrangeiros, Habermas faz uma defesa dos ideais da modernidade a partir de sua interpretação como projeto inacabado. Apesar de a razão

apresentar a característica de ser inclinada ao domínio de esferas estranhas e necessitar de uma autocertificação, compreendidas como traços de um mal interno, sua recuperação seria possível. A sintomática confiança na razão e na ciência desafia a consciência crítica.

Susan Sontag, em Sobre fotografia, estabelece uma diferença entre o sofrimento e o

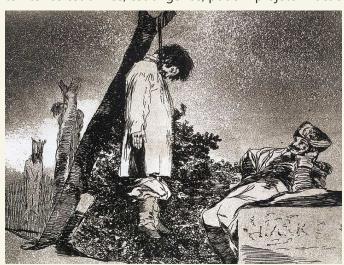
viver com imagens fotográficas do sofrimento. A constante visualização de imagens "violentas" anestesia a moralidade e banaliza o que não deveria ficar banalizado. A publicação, e a constante repetição, de um vasto catálogo fotográfico da desgraça e da injustiça, em todo o mundo, produziram nas pessoas uma familiaridade com a atrocidade, levando o horrível a parecer mais comum, familiar, distante ("é só uma foto!"), inevitável. Tornou-se, também, comum a exposição da barbárie na indústria cinematográfica e em jogos. Os conteúdos de denúncia e de problematização moral sofreram um processo de banalização pela frequência da exposição à imagem.

A paralisia crítica viabiliza o surgimento da indiferença entre os seres humanos, e esta cria um solo fértil para a erupção da violência e do terrorismo em nossos tempos. Em relação à violência, cabe perguntar pelo que é, por que acontece e se há formas de impedi-la. Vivemos habituados a várias experiências violentas em nosso cotidiano, o que nos faz crer que à sociedade pertence um âmbito de violência estrutural. Habituamo-nos com a desigualdade social, a discriminação, o empobrecimento e a marginalização, o que afasta qualquer tipo de espanto em relação a esse contexto. O primeiro passo num possível processo de cura exige o estranhar-se diante dessa realidade estrutural.

Theodor Adorno, em Educação e emancipação, considera que impedir o desenvolvimento da barbárie é a questão mais urgente da educação de seu tempo. Juntamente com Freud, o autor reconhece que o próprio conceito de educação pode expressar o elemento da barbárie através de formas de repressão. Momentos repressivos de uma cultura podem produzir a barbárie nas pessoas a ela submetidas.

A barbárie está relacionada com erupções primitivas de violência, com uma consciência deformada, imediatamente agressiva. A educação de jovens precisa estar voltada à aplicação de reflexões a objetivos humanos. Para o alcance desse objetivo, é premente a superação do incentivo à competição entre os estudantes. Assim, a educação e os sistemas pedagógicos devem evitar noções exageradas de competitividade para aumentar a eficiência, já que a motivação desregrada da competitividade contém algo de desumano.

Friedrich Nietzsche suspeitava que a organização política do Estado moderno poderia oportunizar a realização dos delírios nacionalistas do Estado-nação, que buscava a independência do seu povo em relação aos demais. Contrário a isso, o pensador propõe a mundialização da economia e do comércio, a socialização de um entendimento superior de cultura (entenda-se aqui principalmente uma cultura formada por valores não mercantis e econômicos), a aceleração dos movimentos migratórios e um elogio do cosmopolitismo em ascensão na Europa. Essas seriam estratégias políticas e morais para estabelecer o advento de uma raça misturada. Uma crítica ao nacionalismo é necessária porque externamente separa os povos



contribuir significativamente para pensar a nossa própria existência.

Antes de afirmarmos que vivemos uma época narcísica, de isolamento, é possível pensarmos que a experiência fundamental de nossos dias é de estranhamento, de paralisia crítica. Essa experiência pode estar na base da identificação do perfil estereotipado pela incomunicabilidade. A Filosofia, tal como a prática médica, pode apresentar como tarefa a realização de um diagnóstico de nosso tempo, apresentando caminhos possíveis para a cura. Na ausência de direção preestabelecida e segura, o percurso é realizado através da atenção, do cuidado, da experiência possível. Filosofar é experimentar essa possibilidade.

Em um mundo marcado por indiferença, violência, terrorismo, medo e isolamento narcísico, o ser humano parece perder suas características críticas e

europeus e internamente facilita a subida ao poder dos políticos corruptos e tiranos.

Nietzsche acreditava que o nacionalismo não conseguiria conter um movimento histórico que pretende a fusão dos povos. Esse movimento é entendido como a grande política, a partir da qual seriam engendradas, em sua formação, disputas contra os niilismos, os ressentimentos, os valores que negam tanto a psicologia pulsional e instintiva dos seres humanos quanto sua fisiologia emocional. O mundo globalizado é um cenário plural, no qual diferentes perspectivas precisam conviver. Esse desafio é estendido, também, às religiões, que desde a modernidade viram-se diante da necessidade de relativizar sua posição num cenário plural sem abandonar seu núcleo dogmático. A recusa dessa realidade levou diferentes culturas religiosas a defenderem sua ortodoxia a partir de práticas fundamentalistas. O fundamentalismo parece ser uma defesa da ortodoxia diante do temor de aniquilação frente ao conflito com o outro.

Jacques Derrida afirma que o discurso contido na tolerância tem origens religiosas, o qual trata tanto de uma concordância de convívio entendido como "paz", como de um discurso de concessão condescendente daqueles que detêm determinado poder. Assim, a tolerância seria uma forma de caridade oferecida pelos mais fortes, carregando a marca da soberania, concedida de uma posição elevada que parece dizer ao outro que ele é aceitável, que pode existir somente por causa dessa concessão, mas sem esquecer que ele está habitando um lugar que não lhe pertence. Uma consideração crítica a respeito da tolerância ocorre na sua substituição pela hospitalidade, que tem como sua marca o acolhimento. O acolhimento é oferecido essencialmente para quem não é esperado, para o absolutamente estranho, para o totalmente outro. Derrida reconhece que uma hospitalidade incondicional é impossível, e que não pode ter caráter legal ou político. No entanto, sem a ideia de hospitalidade incondicional, não teríamos como pensar a ideia do outro, não consideraríamos o lugar daquele que entra em nossa vida sem ter sido convidado. Esse significado de acolhimento, que não pode ser colocado em práticas legais e políticas, é a própria condição do jurídico e do político.•

A prevenção à violência é um problema de saúde pública

Sylvia Nabinger, Doutora em Direito de Família (Universidade de Lyon III - França), Docente da Fundação Escola do Ministério Público (RS) e do Contemporâneo Instituto de Psicanálise e Transdisciplinaridade, Presidente da Oscip Acolher. / Jacqueline Silva, Doutora em Educação (PUC- RS) Pró-Reitora de Assuntos Estudantis e Cidadania (Ufes- Universidade Federal do Espírito Santo), Docente da Famed (Ufrgs)

Violência é um complexo e dinâmico fenômeno biopsicossocial, no qual se cruzam problemas políticos, econômicos, morais, psicológicos, filosóficos, que afetam a vida e as relações humanas em suas dimensões pessoais, institucionais e coletivas. Transversalizando a história da humanidade e as mais diferentes culturas, a violência, nas últimas décadas, passou a ser considerada um problema de Saúde Pública endêmico, que provoca altos custos à sociedade, impactando diretamente as formas de organização da vida social e econômica dos países de todo o mundo.

Em contrapartida, observa-se na sociedade globalizada um movimento de busca da paz em seu sentido pessoal e subjetivo (paz interior) e também em seus sentidos éticos-políticos, compreendendo a paz no contexto da defesa da vida humana e planetária (paz universal). Esta última articulando atores coletivos e plurais ao redor de uma agenda que conecta questões globais às locais, convocando indivíduos e a sociedade ao amadurecimento. Busca ainda compreender e agir consolidando capacidades de fazer escolhas que reduzam riscos, situações de vulnerabilidade e a invisibilidade social, superando a indiferença típica da sociedade contemporânea.

A violência, quando associada à criminalidade e a atos infracionais, convoca o Estado e a sociedade a criarem políticas e estruturas que permitam, ao mesmo tempo, a contenção e a reabilitação dos infratores, respeitados os direitos humanos. As consequências da violência na vida dos indivíduos, institucionalizados ou não, fazem com que o setor da saúde se constitua como a encruzilhada para onde convergem todos os corolários da violência. Esta configuração do fenômeno faz com que a violência deixe de ser somente um problema de segurança pública, tornando necessária para sua abordagem, a interdisciplinaridade. Este delineamento potencializa o entendimento dos determinantes que levam alguns indivíduos e grupamentos a uma maior suscetibilidade à violência em relação a outros que em condições similares ou piores não a realizam. Esta questão, sem resolução por especialistas, ressalta que os indicadores sociais por si só não determinam a ocorrência

da violência. Entretanto, a maior incidência é entre populações e grupos sob vulnerabilidade social, segundo estatísticas.

Parece haver um consenso quanto à multicausalidade da violência fazendo convergir, para a sua produção e reprodução, elementos de natureza interna, externa, subjetivos, objetivos, psíquicos e sociais. A perspectiva de prevenção da violência deve, portanto, incidir sobre uma multiplicidade de riscos e causalidades, desenvolvendo ações no âmbito da política de saúde, integrada a outras políticas, através da intersetorialidade.

O controle e o desenvolvimento de medidas de prevenção à violência têm sido um desafio permanente para governos, organismos internacionais, organizações da sociedade civil e para estudiosos de diversas áreas do saber ao redor do mundo, demandando intervenções em vários níveis. Uma característica das ações é a focalização dos programas nos fatores de risco diretamente relacionados a determinadas infrações. Destacam-se, principalmente, aqueles de caráter continuado e longitudinal, que iniciam sua intervenção nos primeiros anos de vida, incidindo sobre os processos de fragilização das famílias, dos vínculos e dos laços sociais (MESQUITA NETO et al, 2004). Há variabilidade quanto aos focos de prevenção dos programas encontrados na literatura (FARRINGTON, 1996; SCHOE-MAKER, 1996; NUTTAL et al., 1998; THORNTON et al., 2002; KRUG et al., 2002; Department of Health and Human Services, 2001).

Os programas de prevenção à violência, em linhas gerais, têm demonstrado redução das infrações cometidas, em particular entre os jovens, havendo também impacto sobre a gravidez precoce, mas os números ainda são preocupantes.

Existem algumas representações específicas para ações que visem a abrandar a questão da violência. A escola é um lócus privilegiado, apresentando-se como espaço da intervenção ou integrando ações compartilhadas. A escola atua como estimuladora do protagonismo juvenil e da conscientização sobre questões relacionadas à violência, sendo, por vezes, âncora para programas de preparação ao trabalho. Dife-

renciando-se daqueles que articulam diretamente trabalho e renda como no caso das cooperativas e projetos de inserção individual no mercado de trabalho (PORCHMANN, 2002).

Os programas de prevenção e abordagem do uso de drogas lícitas e ilícitas é outro foco de destaque, principalmente quando realizado na convivência entre pares infratores, por exemplo.

Em relação às grávidas, os programas incluem abordagens de fortalecimento do vínculo mãe/bebê, assistência ao parto e acolhimento do recém-nascido com práticas de alojamento conjunto e aleitamento materno.

Estes programas apresentam relevância quanto à antecipação dos riscos de violência doméstica e abuso sexual, na medida em que o ciclo da violência tende à sucessão de gerações, trata-se de um fenômeno transgeracional. A comunidade é o principal meio interventivo em programas de sensibilização, mobilização e diagnóstico, instigando as comunidades a capacitarem-se para a identificação precoce de indicadores de violência, para o apoio no atendimento às vítimas e para a garantia de seus direitos. Temos na psicoterapia e na psicanálise exemplos fecundos de como o olhar do outro, apreendido em um momento de desamparo, o que

pode resultar em qualidade de vida e restabelecer o sujeito. Há a necessidade de superação da extrema pobreza e do desemprego; o maior investimento em saúde, em educação e em ações que contribuam para a justiça social, elemento para a cultura da paz e para um entendimento do quão essencial à sociedade é balizá-la entre a cultura da ética, do diálogo e das interações entre os seus membros.

A literatura já demonstrou que a miséria, o desemprego e a ausência de políticas públicas fortalecem a desesperança e esvaziam as perspectivas de futuro ampliando as desigualdades sociais, culturais, o incremento da violência, o tráfico, o crime organizado e a corrupção, a saber, a lavagem de dinheiro a que temos acesso hoje, através dos noticiários, por exemplo. Fazer com que os programas de prevenção incidam também sobre os fatores de ordem macrossociais é um dos grandes desafios dos programas de prevenção da violência, principalmente quando já há muito tempo as pesquisas e as práticas sociais indicam que as abordagens centradas na repressão, no medo e na punição têm baixos resultados. O único caminho, então, diante disso, parece ser o reconhecimento de que o problema é de saúde pública (coletiva) e não individual.

Precisamos reconhecer que existe, para além das patologias ou transgressões, um ser humano que necessita ou deseja ser lido em sua subjetividade, levando em consideração sempre os fatores de risco e das possibilidades reais de mudança. Não podemos deixar de nomear aqui a importância da mídia nesta questão, porque ao mesmo tempo em que se torna fundamental informar e denunciar violações de direitos, também é preciso minimizar o tempo de exposição dos indivíduos à violência.

A exposição à violência também é destacada nos estudos sobre bullying. Eles têm indicado que o testemunho direto de situações violentas potencializa o comportamento agressivo de crianças e adolescentes e manifesta-se como problemas de saúde (depressão, por exemplo). A política de saúde incorporou à sua agenda a necessidade de um sistema de informação, de um modelo de vigilância epidemiológica e da modernização do atendimento aos agravos provocados pela violência nas emergências hospitalares, mas não apenas isso, mecanismos como serviços de denúncias anônimas foram criados a fim de formarem bancos de dados e assim tomar conhecimento dos atos cometidos e encaminhar às autoridades competentes. •

Quando o ato toma o lugar da palavra

Nelson Asnis, Psicanalista pela Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre, Professor de Psiquiatria (FUMM) e de Psicologia (PUCRS), Especialista em Endocrinologia (UCSPA) e Psiquiatria (FUMM), Mestre em Farmacologia (UCSPA), Doutor em Psicologia pela PUCRS, Pós-doutorado em História pela UFRGS

Os comportamentos violentos são considerados pela Organização Mundial de Saúde (OMS) como o maior problema de saúde pública no mundo, repercutindo dramaticamente sobre o indivíduo e a sociedade. Nosso cotidiano tem sido invadido por um verdadeiro culto ao ódio.

Como explicar tamanho estado de brutalidade?

Existe alguma peculiaridade que diferencia os tempos atuais de outros?

Freud assinala, em *Reflexões para os* tempos de guerra e morte (1915), que "somos levados enganosamente a considerar os homens melhores do que de fato são..." (p. 292).

As atrocidades cometidas por grupos como o Boko Haram e o Estado Islâmico se encarregam de rapidamente desfazer este engano.

Freud lembra-nos que o homem primitivo era uma criatura muito impulsiva e maligna; gostava de matar e fazia isso como uma coisa natural, devorando,

diferentemente dos outros animais, sua própria espécie.

Os tempos atuais seguem tão somente revivendo a tradicional história da humanidade de contínuos genocídios e assassinatos. A crueldade do homem primitivo resiste ao tempo.

Teria, em algum momento, o homem perdido sua propensão à barbárie?

A história da humanidade mostra que sistematicamente o ato toma o lugar da palavra. Se este homem primitivo segue vivo em cada um de nós, o que permite a alguns conquistarem suficiente saúde mental para não trilharem o caminho da violência irracional?

Talvez em nenhuma outra situação o ato tome mais o lugar da palavra quanto no suicídio-homicídio dos homensbomba, objeto de estudo do meu doutorado.

Entrevistando aqui no Brasil e em países como o Irã, Egito e Malásia, islâmicos tradicionais que condenam a violência e islâmicos fundamentalistas



que a colocam em prática, procurei entender que fenômenos psíquicos conduzem a tais atitudes.

É intrigante demonstrar que uma mesma religião, na dependência de como é ensinada e praticada, pode contribuir tanto para reprimir coercitivamente o ato destrutivo quanto para estimulá-lo.

Percebemos que a mente fundamentalista, que faz o ato tomar o lugar da palavra, é fruto de um constructo cujos pilares passam pela educação ofertada por pais e professores, muitos dos quais se orgulham que seus filhos e alunos aprendam, em escolas especiais, a mor-

rer como mártires. Asnis, Werlang e Sá (2006) mencionam que várias escolas islâmicas vestem suas crianças com roupas militares, ensinam a manejar armas e selecionam trechos do Corão que poderiam, conforme a interpretação, enaltecer a violência. Adolescentes, por sua vez, cantam em suas músicas o heroísmo dos shaheed, suicidas religiosos. Amos Oz (2004) reitera que o nascedouro do fanatismo se dá em casa. Volkman (2002) lembra que esse aprendizado é ainda mais efetivo quando o contexto externo de miséria e profundas debilidades econômicas dá aos religiosos radicais o poder de "proporcionar soluções" para o sentimento de desamparo, vergonha e humilhação. Essas promessas fazem com que cada vez mais voluntários engrossem a legião de grupos como, por exemplo, o Estado Islâmico.

Lembrando um outro estudo de Asnis e Werlang (2005), a morte daria paradoxalmente a essas pessoas algum sentido a suas vidas.

Assim, o ato toma o lugar da palavra como consequência de uma estruturação psíquica caracterizada por:

- Apagamento da identidade individual em nome de uma identidade de grupo.
 Pensamento onipotente baseado no "recebimento da autorização de Deus ou de Maomé" para o desfecho de seus
- 3. Afeto danificado com perda completa da capacidade de empatia, bem como pela manifestação de ódio "como expressão de amorosidade".
- 4. Ruptura da comunicação com a impossibilidade do diálogo.
- 5. Criação de um estado de ordem hipnótica, transformando o fundamentalista em um autômato na mão de seus líderes (ASNIS, 2013).

Nossos estudos identificaram também que uma das chaves para se entender o funcionamento da mente fundamentalista parece residir no inflexível emprego do mecanismo de clivagem.

Este termo, derivado do alemão spaltung, foi cunhado por Freud para descrever um fenômeno de coexistência dentro do ego de duas atitudes psíquicas diferentes, opostas e independentes uma da outra. A clivagem passa a ser um recurso utilizado pelo indivíduo quando se vê frente a um pesado conflito devido à presença de duas realidades psíquicas antagônicas sem que se estabeleça entre elas qualquer relação dialética.

Este mecanismo foi muito trabalhado por Freud em situações como o fetichismo, a psicose e a histeria e nos valemos dele para um olhar sobre os fundamentalistas violentos. Para estes, o mundo está dividido entre os fiéis (eles) e os infiéis (os outros), os bons (eles) e os maus (os outros), os defensores e os traidores de Deus, os que devem viver e os que devem morrer.

O que mobiliza o ego desses indivíduos a lançar mão desse mecanismo de forma tão poderosa e inflexível?

Para respondermos essa questão cabe lembrar que os mecanismos de defesa do ego têm, para Freud, uma finalidade basicamente estruturante. Em seu trabalho Inibições, sintomas e ansiedade, Freud destaca o papel protetor destes mecanismos ao aparato egoico. O que mobiliza o ego do fundamentalista a lançar mão da clivagem de forma rígida e excessiva é basicamente lutar contra a angústia do perigo de uma desorganização total.

Kernberg (1991) assinala que diferentemente do neurótico que se vale de mecanismos de defesa mais avançados e com maior flexibilidade, organizações psíquicas primitivas lançam mão com maior rigidez de mecanismos menos evoluídos. Pude perceber, ao entrevistar radicais islâmicos, que quando suas concepções dogmáticas encontravamse sob confrontação, a angústia levava ao emprego rígido da clivagem. A mente fundamentalista parece estar constantemente ameaçada por qualquer ideia ou reflexão que não se encontre em seu livro de credos. Seu mundo interno pode ser instabilizado por questionamentos ou interpretações que difiram da sua; nesses momentos, incapazes de dialogar, simbolizar e abstrair, acabam lançando mão do ato violento. Mais do que sair em defesa de Deus ou de sua religião, estariam, isso sim, a serviço de defender seu frágil "equilíbrio" egoico da ameaça de desorganização. Os perseguidores internos projetados fornecem poderosos inimigos a serem aniquilados.

Criam uma "ética" própria na qual seus atos violentos são socialmente permitidos, aceitos, quando não valorizados como heroicos.

O que mudou em relação aos tempos atuais?

A revolução midiática forneceu, paradoxalmente, combustível para a espetacularização desta violência, permitindo, pela globalização, que uma legião de desamparados mundo afora com alta carga pulsional tanática não mitigada pudesse encontrar nesta proposta uma "saída" para seu caos psíquico.

Para esses indivíduos, muitos, quem sabe, irremediavelmente sequelados, segundo nossos referenciais psicológicos, o ato dificilmente deixará de tomar o lugar da palavra por força de suas pesadas debilidades egoicas. Parece improvável que a amorosidade própria das pulsões de vida tenha força para mitigar seu alto poderio destrutivo.

Por fim, é importante lembrar que o fundamentalismo não é privilégio do Islamismo, estando presente em todas as principais religiões e que mais do que um produto de uma religião, é fruto de uma profunda perturbação que insiste em acompanhar a mente humana. •

Referências bibliográficas

ASNIS, N. Homem Bomba, o Sacrifício das Pulsões. Porto Alegre: Buqui, 2013. ASNIS, N. & Werlang, B.G. Uma radiografia do Islã Fundamentalista. Pensando a Violência com Freud (PP. 145-157). Porto Alegre: Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre, 2005. ASNIS, N.; WERLANG, B.G.; SÁ, S.D. Aspectos psicodinâmicos do terrorismo religioso. Temas de psicologia Clínica. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006. FREUD, S. (1915/1969). Reflexões para os tempos de guerra e morte. In: J. Strachey (Ed. e Trad.). Edição Standard Brasileira das Obras

Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud (Vol. 14, p. 292). Rio de Janeiro: Imago

_____ (1926(1925)/1969). Inibições, sintomas e ansiedade. In: J. Strachey (Ed. e Trad.). Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud (Vol. 20, p. 81-170). Rio de Janeiro: Imago KERNBERG, O. Psicoterapia psicodinâmica de pacientes borderline. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991. .OZ, A. Contra o fanatismo. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004. VOLKMAN, V.D. La mente del terrorista fundamentalista. Psicoanálisis Internacional, 11(1), 29-31, 2002.

O resgate do poder em prol do bem comum

Marcos Ungaretti, artista e músico

Os costumes não são o fator mais importante para se estabelecer a sanidade de uma sociedade. É mais importante identificar como as pessoas se sentem: a alegria de viver, de trabalhar, o sorriso espontâneo, a generosidade, entre outras coisas são o verdadeiro indicador da saúde social. A reclamatória constante que sai das bocas da quase totalidade da população de nosso país denota uma doença social de grandes proporções. Não só a sociedade, mas o indivíduo e os pequenos e grandes grupos estão em situação de calamidade.

Há um círculo vicioso que vai aumentando a insatisfação e esmagando a esperança de tempos melhores. A conclusão óbvia é que se ficarmos esperando que a sociedade ofereça caminhos para a cura vamos mofar.

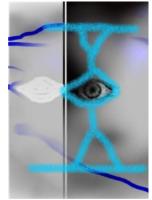
A solidão é o veneno que mais dói e que se instalou nos relacionamentos afetivos, no trabalho, pelas ruas e tal. Existe um motivo primordial para isso: fomos ensinados a dar importância às nossas necessidades antes das necessidades dos outros. Claro que se todo mundo faz a mesma coisa, a guerra é certa. Mas, e se fosse o contrário? Se tudo o que fizéssemos fosse para o bem comum? Então, a paz seria iminente.

A solução parece impossível: se esperarmos dos outros, nada vai acontecer. Se agirmos, estaremos sozinhos e remando contra a maré. Mas existe um caminho! Por sinal, o único caminho.

Penso que a questão não é apenas saber o que é certo ou errado, mas sim parar de exigir dos outros e estar disposto a mudar a si mesmo. Eu aprendi que a vitória pessoal é a maior de todas.

A maturidade é um processo que tem seu próprio tempo. Quando uma pessoa chega ao ponto de escolher mudar é porque já andou bastante e a mudança exige acontecer, com ou sem a conivência da pessoa. Neste ponto é que o ser humano pode facilitar ou dificultar as coisas.

Chave da Visão: O poder de transformar!



Por ter uma sensibilidade aguçada desde pequeno e por dedicar minha vida para a arte, havia uma pergunta reincidente que sempre surgia em minha mente: "Como faço para juntar o Céu e a Terra? Como ser sensível em um mundo que despreza a sensibilidade?". Foram muitos anos de dúvidas e frustrações. Quando sonhei com a Chave da Visão pela primeira vez, percebi que não poderia juntar tais coisas no mundo atual. Seria preciso transformar o mundo para isso.

Não transformei o mundo, mas o que escolhi fez minha vida tomar novo rumo. Desde então, tenho tido uma sucessão de descobertas e feito várias transformações ao meu redor. Isto me fez confiar cada vez mais e ir ao encontro do incerto, remando contra a maré e sendo salvo constantemente por ventos favoráveis.

Por meio desta figura pude embasar questionamentos com solidez e firmeza. A Chave da Visão foi revelando gradativamente os seus mistérios através da simbologia. Em primeiro lugar, concluí que VER é o mais importante. Não vem ao caso em que situação se esteja, nem o emprego que se tem, nem se

estamos bem de saúde ou se alguém morreu: o fato de ver o todo nos faz mais completos e aptos, além de possibilitar que usemos nossa varinha para fazer milagres.

A chave sugere que para ver é preciso ter um pé na terra e outro no céu! O que simboliza isso? A coexistência destes elementos é indissolúvel em nossa vida terrena, mas é comum nos fixarmos apenas na parte que parece estar de acordo conosco, uma pessoalidade. Para VER, faz-se necessário ABANDONAR A PESSOALIDADE e procurar **INVARIAVELMENTE em TUDO** os dois lados. Nunca se contentar com um lado só, pois existem SEMPRE os dois. Falo em "dois lados" porque os desdobramentos são infinitos, mas o "dois" está na gênese do pensamento. Quando negligenciamos o céu ou a terra, perdemos o poder de ver a verdade e passamos a ver o que nossa obsessão ou hábito deseja ver. Com o tempo, toda a nossa cequeira pode ser banida se esta compreensão existir.

A lógica amparada na intuição: esse é o poder de criação. Satisfazer-se com as coisas como se elas fossem criadas por algo maior é apenas um lado da moeda. O outro lado é que somos precisamente nós que também criamos a realidade, ao aceitá-la ou negá-la. Tudo o que sentimos e o que vemos, a maneira com que damos forma às coisas está dentro de nós. A criação do real passa pelo desbloqueio da visão aceitando todas as possibilidades como reais mesmo que na verdade não sejam. Quer dizer que tudo está dentro e fora, simultaneamente. É quase como "dois corpos PODEM ocupar o mesmo lugar no espaço", aliás, sempre ocupam.

Mesmo não sendo um estudioso, ouso deduzir que existe algo que propicia aos

neurônios comunicarem-se mutuamente. Se podem se comunicar é porque consequem falar coisas distintas e variadas. Sendo assim, quimicamente há uma ou várias substâncias que carregam informações que servem de linguagem para a conversa neural. Claro que essa conversa não se dá ao nível de letras, ou fórmulas matemáticas, ou resumos de história ou geografia. Acontece uma comunicação sensorial com registros emocionais que se associam com os registros dos fatos que vivenciamos no passado. O tempo vai passando e esses registros são modificados pelas novas experiências. A libertação vem do fato de percebermos que toda essa máquina de produzir reações previsíveis pode e deve ser atualizada para uma versão capaz de NÃO SE IMPORTAR TANTO COM AS EMOÇÕES ASSO-CIADAS COM OS FATOS DO PASSADO, pois estas são diferentes das de um passado mais remoto e assim por diante. O futuro que nos causa incertezas deve ser aceito como incerto, mas também como incapaz de nos fazer dano. Isso quer dizer não permitir que as projeções de nosso passado sejam capazes de emitir sinais nervosos com mensagens que nos façam ficar tensos e preocupados.

Se isso for feito, aos poucos não haverá mais emoções radicais atreladas às lembranças de experiências vividas e enxergar será cada vez mais fácil, assim como decidir, seguir em frente, viver, enfim.

A mudança do ponto de referência se faz necessária: não é mais o que conhecemos que deve referenciar nossas escolhas. Agora escolhemos através de uma visão que não privilegia lados, pelo contrário, faz questão de buscar sempre o lado oculto. A consciência é a meta e ao mesmo tempo é a referên-

cia. Não se deve abandonar a meta, mas também não se deve perder a referência: essa é a senha. Ter esta compreensão não significa que não podemos escolher nossos caminhos: significa que podemos escolher sem temer consequências e sem necessidade de prevê-las.

Os critérios para usar o poder:

Só há um critério: favorecer o bem comum. Uma ação não é somente um movimento físico e material, é também o pensar e o concluir. Está em conhecer, saber de si mesmo e ousar acreditar em qualquer coisa que desejar. O desejo também obedece ao critério do bem comum.

A dificuldade major é que nos ensinam desde cedo que devemos proteger-nos e que o mundo é selvagem, por isso temos que lutar para nos destacar. Resumindo: ensinamnos a pensar em nós mesmos e separam o "nós" dos outros "nós" que estão por aí. Pronto: está alicerçado o pilar da solidão e da violência.

Sociedade capitalista e competitiva gera o separatismo e ensina a não pensar no bem comum e sim no bem próprio. Nossa maior dor vem do fato de que nosso coração não concorda com uma infinidade de coisas que a razão insiste em dar crédito. Quando projetamos os possíveis resultados de uma atitude que coloca o bem comum como prioridade, somos acometidos de um espírito de negação que repele este posicionamento. Forma-se um círculo vicioso no qual a necessidade de mudar é reprimida pela crítica prepotente da mente, que julga ser capaz de delinear o futuro apenas baseada no que já viveu. Ignora que o novo não pode ser previsto, mas pode ser sentido. "A esperança é o dever do sentimento"!

Depois que se chega neste conhecimento e faz-se a escolha de mudar, é preciso saber que este processo é relativamente lento e as experimentações desse novo momento são feitas com pequenas experiências de mudança que vão se mostrando viáveis e com resultados satisfatórios. Com o tempo, será possível crer cegamente na intuição e gratificar-se com a nova forma de comportamento. Passa-se a acreditar em milagres ao ver que eles são apenas frutos de nossa visão e do desejo autêntico de estarmos abertos para as mudanças relacionadas com o objetivo.

O critério mais importante é sempre o bem comum.

O Mini Teatro Móvel

Nas minhas apresentações no Mini Teatro Móvel utilizo a música para colocar todos num elevado nível de comunicação, livre de análises e recheado de sentimentos comuns.

Eu achava que bastava tocar bem meu piano para ser reconhecido. Pode ser, mas somente o reconhecimento não é suficiente para um verdadeiro artista. Digo mais, o artista faz o que tem que ser feito, com ou sem reconhecimento. Vide Van Gogh. Demorei quase cinquenta anos para descobrir a maior joia que tenho hoje. Por meio das apresentações em minha casa de espetáculos ambulante chamada Mini Teatro Móvel, onde toco para cinco espectadores, encontrei o caminho para emocionar as pessoas e a mim próprio.

Cerca de dois anos atrás fiquei doente. Caí de cama por alguns meses sem poder levantar sequer para ir ao banheiro. Eu que me achava quase imortal, capaz de superar qualquer coisa, independente e autossuficiente, tive que encarar uma nova realidade: posso precisar muito dos outros e de um jeito que eu nunca havia imaginado.

A dor, o desespero e a solidão foram tantos que decidi que daquele momento em diante tudo o que eu fizesse na minha vida teria como objetivo angariar o máximo de amigos possível e ficar indispensável para os

outros a fim de nunca ficar sozinho.

Assim, naturalmente, comecei a receber as pessoas no MTM com uma nova consciência: precisava fazer com que elas fossem felizes e ficassem gratas pelo que receberiam. Com esses ingredientes pode nascer o pequeno milagre!

Desde que tinha 14 anos, minha vida girou em torno da música. Algumas raras vezes eu pude ver alguém se emocionar com minhas performances. Agora é o contrário: é difícil alquém não se emocionar.

Tive que quebrar o grande espelho de vidro que estava em minha frente e substituílo por espelhos humanos. Aprendi que tocar bem não vale nada, eu disse NADA, se não servir para os outros. Minha música passou a ter objetivo. De "fim em si mesma" passou a ser ferramenta de promoção de encontros no nível mais elevado que o ser humano pode ter com outros seres: o sentimento. Onde não entram análises ou preconceitos, onde se dissolvem crostas emocionais inconscientes até então, onde quem manda é o coração. Por infinitos 18 minutos, ali dentro do Mini Teatro Móvel entra-se em sintonia através da música e do ambiente e desliga-se a parte cotidiana de nosso cérebro sempre alerta e lógico, cheio de dogmas, conceitos, julgamentos, etc. Neste mergulho profundo, cada um reconhece em si mesmo os sentimentos que ficaram esquecidos.

A choradeira é comum e a gratidão, proporcional. Muitas vezes eu também fico emocionado, pois a corrente que se forma dentro do teatro é muito forte. Notese que não há nada de triste nas músicas e é quase tudo instrumental.

Com isso, reencontrei o sentido para minha vida. Parece que minha infância adolescente lendo enciclopédias de medicina, biologia ou psiquiatria agora foi compreendida, pois a necessidade de curar sempre falou alto dentro de mim.

Em meu Livro Rosa de presenças estão registradas cerca de 3.500 assinaturas, a maioria com comentários de profunda admiração e gratidão. Mudei meu critério de quantidade para qualidade. Sei que outros artistas têm alcance quantitativo muito maior do que o meu. Mas posso assegurar que ali o público não vê uma imagem intocável no palco, mas sim um ser humano que fica cada vez mais desnudado e por isso mais tocante e verdadeiro. A profundidade desses encontros faz com que eu tenha a convicção de que não serei esquecido por aqueles que me deram o privilégio de ser ouvido.

Caros leitores, despeçome com gratidão e a esperança de ter sido útil •



www.miniteatromovel.com

Espetáculo para cinco espectadores, com duração de 15 a 20 minutos. Apresentações em logradouros, escolas, residências, feiras, hospitais, asilos, etc. Contribuição espontânea. No repertório as músicas Take Five (P. Desmond) /Ronco da Cuíca(J. Bosco)/Bolero (Ravel), Píu Bello (Tarantella), Solidão Selvagem (temática: Índios norte-americanos)

25 anos de Brasileira

Nossa homenagem à SBPdePA por 25 anos de existência



"A gente sabe onde nasce, mas não onde morre", diz uma canção de Juan Manoel Serrat. E pouco sabe, acrescentamos nós, o que fará enquanto vive. Nunca passou pela nossa cabeça que um dia estaríamos presentes na fundação de uma Sociedade Analítica, componente da IPA, como aconteceu. Acreditamos que esse ato fundacional de uma nova "casa" da IPA em nossa adorável Porto Alegre foi um acontecimento importante para a psicanálise local e regional. Pensamos que esse fato marcou, marca e marcará com ferro e fogo a psicanálise que se praticará, tanto teórica como clinicamente, em nosso meio, no extremo sul do país. Romper as exclusividades, como fez o nascimento da

SBPdePA em nossa cidade, sempre oxigena as ideias circulantes sobre uma teoria, hoje polissêmica, como a psicanálise. Nessa direção, diríamos que faríamos tudo outra vez. Voltaríamos a realizar as infindáveis reuniões entre aqueles que hoje figuram como fundadores e com os representantes da instituição-mãe, sustentando com tempo e dinheiro todos os avatares que originaram nossa amada SBPdePA. Desejamos aos novos membros da nossa Sociedade, que confiaram no ideário democrático daqueles que colocaram a pedra fundacional, um futuro brilhante no trabalho duro de formar novos analistas para nossa sociedade, sem descuidarem a participação nos debates sobre saúde, cultura e política de nossa civilizada Porto Alegre.

Leonardo A. Francischelli

Um espaço de convivência

Falar da passagem desses 25 anos de existência de nossa Sociedade é pensar em evolução, em acréscimos, e, por isso, a foto com um dos cinco netos que acrescentaram muito em minha vida no passar desses anos: essa comigo é Felipa, a terceira da série. Da mesma forma, a convivência com meus colegas nesses 25 anos permitiu que nascessem em mim muitas ideias e projetos, muitos positivos, outros nem tanto, porque o crescimento de uma pessoa, ou de uma instituição, apenas é possível com uma permanente alternância entre boas e más experiências. Necessário é também, passados esses anos, sempre procurar manter um dos princípios básicos que orientaram nossa Sociedade desde o início: o pluralismo de teorias sem, no entanto, sair do referencial psicanalítico.



José Petrucci



Preservando a liberdade

A participação na criação da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre, há 25 anos, representou uma desacomodação autoimposta para preservar a liberdade de pensamento e o respeito pelo outro, pela verdade e pela diversidade, princípios que se encontram nos fundamentos dessa entidade, em que pesem as naturais e inevitáveis diferenças de seus fundadores. Na época, a iniciativa gerou contestações, perdas, inclusive de amigos, e a necessidade de abandonar uma trajetória estável para começar de novo. Apesar disso, valeu a pena porque, em boa medida, por conta disso, sinto-me alquém que não abriu mão de suas origens, de seu juramento como médico, de sua análise pessoal e de sua formação psicanalítica. Essa coerência interna faz com que me sinta uma pessoa inteira e encare a passagem do tempo com tranquilidade, sem dívida com o passado. Assim como a família, os pacientes e a casa em que moro, a Brasileira faz parte da minha vida e eu me sinto muito honrado por fazer parte de sua história. Por conta dessa alegria, àqueles com os quais abracei o projeto de criar uma nova sociedade psicanalítica em Porto Alegre e trabalhei para torná-la realidade, sinto uma grande e genuína gratidão.

Gley Pacheco Costa

Diversidade e crescimento

Sou natural de Pelotas, RS, cidade muito criticada na época por ter três times de futebol, mais de sete clubes sociais, e, na década de sessenta, duas faculdades de Medicina foram fundadas. Comentava-se que eram muitas associações para uma cidade do interior. Professores e médicos tiveram que se dividir e outros tantos foram importados de outros lugares. Formaram-se duas Universidades rivais que competiam e por vezes até se "odiavam". Atualmente estas universidades recebem alunos de todo o Brasil, formando uma base importante para o retorno do crescimento científico-cultural da cidade que esteve em atraso por um longo período.

Há vinte anos foi fundada a SB-PdePA, e arrisco-me a fazer uma analogia com a cidade de Pelotas. Qual a necessidade de duas instituições ligadas à IPA em Porto Alegre? Sofremos muitas resistências, mas também júbilo com a oficialização dessa nova instituição. Ocorreram também cisões e colegas

se dividiram. Hoje em dia, temos duas sociedades fortes oficiais e também algumas paralelas que foram desenvolvendo-se. Recentemente, tivemos uma atividade conjunta com a SPPA e tivemos o prazer de observar colegas de ambas as sociedades confraternizando num clima amistoso e alegre.

As cisões são próprias dos indivíduos e inevitavelmente das sociedades. As mais difíceis são as internas. Existe quase um consenso sobre a importância da análise pessoal didática e das supervisões, entretanto muita discussão sobre o ensino teórico e sobre autores que exigem energia e longevidade para serem estudados. As paixões teóricas podem tornar-se quase religiosas e os grupos afins se formam.

Acredito que toda a teoria não dá conta de uma vida sendo a clínica soberana. Conhecer a história da teoria psicanalítica é fundamental para avançarmos e aceitarmos as novas contribuições. É importante que tenhamos uma postura clínico-científica para pro-



teger o desenvolvimento da psicanálise e que, entre nós, possamos conviver com o narcisismo das pequenas diferenças.

É com muita satisfação que observo o crescimento pluralístico de nossa sociedade e alerto para o risco de tornarmo-nos dogmáticos em vez de abertos para o novo. Creio que devemos ensinar do mesmo modo com que atendemos no consultório, recebendo o paciente sem saber, deixando que a teoria estudada e que está dentro de nós possa ser evocada contratransferencialmente e manifeste-se com liberdade, sem paixões religiosas.

José Facundo

Entre o heroísmo e o romantismo



Talvez possamos ver-nos dessa forma: um grupo de corajosos sonhadores... Decididos, desejando criar nossas próprias raízes, jovens empreendedores, diríamos hoje. Mirando o passado, com certa distância, e após ter honrosamente participado do desenvolvimento do Grupo de Estudos da África do Sul, como Integrante do Sponsor Committee, dou-me conta da enorme quota de sacrifício financeiro, pessoal e familiar que nosso bravo grupo trilhou. Valeu a pena! Deixo aqui registrado meu grande carinho e respeito a todos os colegas parceiros dessa aventura!

De olho no futuro



Vejo a nossa Brasileira passando por um momento de transição, com o interesse de um maior numero de colegas formados em nossa casa em participar de nossa vida política e científica. Os fundadores, fora algumas exceções, parecem entender que sua colaboração mais ativa nessas áreas já não necessita ter a mesma força. Não ter a mesma força não significa um abandono, mas, sim, a confiança de que o trabalho poderá ser distribuído entre todos. Acho esse um momento rico, em que novas cabeças passam também a pensar o futuro da instituição. Cada vez mais rápido ocorrem mudanças na Cultura que nos inquietam e nos defasam em relação ao que a mesma nos demanda. Seguindo modelos de formação trazidos das instituições originárias dos fundadores, a Sociedade, através de seu Instituto, pôde estruturar suas atividades formativas e alcançar um patamar de respeito e credibilidade em nosso meio. Entretanto, me parece estar chegando a hora em que se faz necessário um novo ato psíquico-institucional: uma revisão profunda de nossos modelos de formação, sem preocupações ou temores em discutir quais os modos de transmissão da psicanálise queremos legar às futuras gerações. Isso apenas confirma que numa instituição em permanente desenvolvimento coexistem vários estágios em sua fundação e que essa, felizmente, é uma tarefa interminável.

Renato Trachtenberg

Ana Rosa C Trachtenberg

Relatos Selvagens e a espetacularização da maldade

César Augusto Antunes Psicanalista da SBPdePA



Sob a escassa camada de verniz de nossa civilidade habita um selvagem, não muito distante, psicologicamente, do homem das cavernas. Não tolera adiamentos e frustrações. Basta uma leve contrariedade para que homens cordatos e educados, mães amorosas e gentis cedam lugar à fera, cega e brutal, que habita os lugares mais profundos e distantes da consciência humana, e chega à superfície da alma... e manifesta-se.

Neste momento surge "Relatos Selvagens". Trata-se de um filme de humor, tenho certeza, é um filme de humor. Humor negro, por suposto, ácido e corrosivo como a verdade. Aponta o que há de ridículo e impensado em toda atitude reativa ou vingativa.

Relatos de vingança em que todos perdem e degradam-se. Não há vencedores. Os seis contos são: Pasternak, As Ratazanas, O mais Forte, Bombita, A Proposta e Até que a Morte nos separe, que denunciam o fracasso dos limites do contrato social. Em uma sociedade marcadamente narcísica, o Eu se libera do objeto e busca triunfante seu direito ao prazer sem limites, gozo mortal e desapiedado.

Mas o núcleo central da denúncia irônica destes relatos encontramos na contemporaneidade do fenômeno que poderemos chamar de espetacularização do mal. Termo cunhado por Debord em outro contexto, mas que se aplica de forma perfeita à necessidade de nosso tempo de compartilhar publicamente, mundialmente, todas as pequenas coisas de nosso cotidiano. O restaurante e a comida que ingerimos, a viagem que realizamos e os lugares que visitamos. Tudo está nas redes, não há mais privacidade. Cada ser transforma-se em centro do universo.

No episódio Bombita e na briga durante

o casamento evidencia-se a exigência de espetacularizar frustrações e ódios, a maldade e a necessidade de lavar a honra. Entretanto, é na abertura, na primeira história, que entramos em contato com o que pareceria, à primeira vista, o mais inverossímil e bizarro se a realidade pouco tempo depois não demonstrasse tragicamente a verdade. Nesse episódio se revela que o desaparecimento dos diques que represam a conduta humana, os contrainvestimentos, como a vergonha, não mais existem e que tudo, até a maldade, vira espetáculo.

Terrorismo e vulnerabilidade psicossocial da Infância e Adolescência

Entrevista com Boris Cyrulnik Tradução de Ester Malque Litvin - Psicanalista da SBPdePA

Boris Cyrulnik, renomado neuro-psiquiatra, diretor de ensino na Universidade de Toulon, França, conhecido pelo estudo do trauma e conceituação de resiliência, autor de numerosos livros , foi entrevistado no canal TV7 Bordeaux, em janeiro de 2015, após os trágicos atentados na sede da revista Charlie Hebdo e em outros locais do país, que abalaram a França e o mundo inteiro e recolocaram na ordem do dia o terrorismo, a intolerância, a barbárie, o medo, a incredulidade.

Para Cyrulnik, estes episódios não são acidentais, são intencionais, fazem parte de uma organização com intenções políticas de domínio, que utiliza o terrorismo como uma arma, eficaz e mais barata que um exército, que pode destruir uma Cultura. Estes terroristas não são monstros, nem loucos, são crianças em desamparo, submetidas a quem busca o poder.

O processo de aliciamento, segundo Cyrulnik, inicia pela identificação de comunidades em dificuldades cujas crianças encontram-se desassistidas do ponto de vista psicológico, social e educativo e por isso fáceis de fanatizar, instila-se aí o ódio e oferece-lhes uma formação militar, uma inserção, e depois envia-as ao sacrifício dos outros às custas de sua própria existência.

Cyrulnik lembra que este tipo de organização fanatizadora, utilizando exatamente o mesmo método, já ocorreu várias vezes ao longo da história da humanidade, como a Inquisição cristã e o Nazismo. Ele teve sua família destruída pelo Nazismo e foi, aos 6 anos e meio, denunciado e preso como criança judia, o que rendeu 50 euros ao seu denunciante... Diz ter se tornado psiquiatra "para compreender o Nazismo". "Pensei que o diabo era um anjo que tinha ficado louco e que era preciso tratá-lo para trazer de volta a paz".

A TV e a Internet são veículos de fácil propagação do que Cyrulnik denomina "pensamento preguiçoso", característico de todas as teorias totalitárias. Pouco a pouco, os *slogans* vão entrando na Cultura fazendo com que nos contentemos em repeti-los sem crítica, e nos tornemos submetidos, fáceis de manipular, a mercê de mercenários.

Diante de uma tragédia como esta, ocorrida em janeiro de 2015, há, segundo Cyrulnik, dois tipos de perigo: calar e falar. Calar seria se submeter. Falar de maneira errada seria a vingança, o contra-ataque, a busca de um bode expiatório.

A única boa solução ou a menos ruim seria não se deixar submeter, se armar, primeiro intelectualmente, explicar às pessoas, qualquer que seja sua religião, que a espiritualidade não se constitui em eliminar o incrédulo, pois aquele que não tem a mesma crença que nós, não é nosso inimigo, não é inferior. Para isto é preciso que haja encontros, debate democrático, jornalistas, artistas, que são sempre os primeiros alvos dos ditadores.

São nossos governos, qualquer que seja sua cor, que abandonam culturalmente as crianças destes bairros de periferia e que portanto as entregam aos fanatizadores.

A solução, segundo Cyrulnik, será educar estas crianças, inseri-las na Cultura através de gente que vá a campo, que proponha ficção, que toque as crianças. Lembra que esta era a função do teatro na Antiga Grécia - as pessoas não deixavam o teatro após a apresentação da peça, era preciso discuti-la porque o que os artistas colocavam em cena eram justamente os problemas da cidade.

E quanto a nós, ao terrorismo urbano que enfrentamos diariamente? Também entregamos nossas crianças desinseridas e portanto vulneráveis ao narcotráfico, por exemplo. Aí encontram acolhimento, inserção e poder, apesar de, na maioria das vezes, pagarem tudo isto com suas próprias vidas, quer realmente, quer psiquicamente.

As considerações de Cyrulnik resumidas aqui vêm bem a propósito neste momento em que se discute a diminuição da maioridade penal. Nossas crianças necessitam de educação e de inserção e não de prisão – escola de pós-graduação do crime.